

A PRESENÇA DE ESCRITORAS LUSO-AFRICANAS NO CURSO DE LETRAS

SOFIA FINGUERMANN*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 21 jan. 2019. Aprovado em: 4 abr. 2019.

Como citar este artigo: FINGUERMANN, S. A presença de escritoras luso-africanas no curso de Letras. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 1, p. 100-117, 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n1p100-117

RESUMO

Este artigo discute a presença e a ausência das diversas Literaturas Lusófonas nos cursos brasileiros de graduação em Letras, em especial as produções literárias que fogem do eixo Brasil-Portugal. A partir dessa contextualização, percebe-se grande necessidade de aprofundamento acadêmico acerca dessas literaturas. Assim, o presente estudo aborda a obra *Sangue negro* – coletânea de poemas da autora moçambicana Noémia de Sousa –, propondo que seja trabalhada com

* E-mail: sfinguermann@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9979-671X>

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Código de Financiamento 001.

graduandos. Busca-se, em especial, aproximar os estudantes da produção poética feminina de Moçambique, permitindo que se explorem as particularidades desta.

Palavras-chave

Literaturas lusófonas. Poesia moçambicana. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que os estudos literários nos cursos de Letras brasileiros não se restringem às criações nacionais. Em especial naqueles voltados ao estudo da Língua Portuguesa, a pesquisa acerca de Literaturas Lusófonas tem grande relevância para o desenvolvimento efetivo na área – em ambientes acadêmicos de todo o Brasil, disciplinas de Literatura Portuguesa, por exemplo, constituem os componentes obrigatórios desses cursos. No entanto, não parecem ser estudadas mais a fundo produções literárias de outros países falantes da língua, também colonizados por Portugal, como Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial e Timor Leste. Apesar de pesquisas relacionadas a esses países aparecerem com frequência em estudos linguísticos, pouco espaço parece ser disponibilizado para que cada uma dessas literaturas seja aprofundada durante a graduação.

Essa sub-representação não significa uma completa ausência. A título de exemplo, a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) conta com a disciplina obrigatória “Literaturas e Culturas de Expressão em Língua Portuguesa”, ministrada na oitava etapa do curso de Letras.¹ A Universidade de São Paulo (USP), por sua vez, conta com quatro disciplinas optativas eletivas denominadas “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”.² Ministrada no sexto período da graduação, a UFRJ conta com a disciplina obrigatória “Ficção Africana em Língua Portuguesa”.³ Percebe-se, assim, que, apesar de as literaturas

1 Cf. matriz curricular do curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/letras/matriz-curricular/>. Acesso em: 17 abr. 2019.

2 Cf. matriz curricular do curso de Letras – Português da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8051&codhab=202&tipo=N>. Acesso em: 17 abr. 2019.

3 Cf. matriz curricular do curso de Bacharelado em Letras da UFRJ. Disponível em: http://www.portal.letras.ufrj.br/images/Graduacao/Fl_Literaturas_B_D.pdf. Acesso em: 17 abr. 2019.

lusófonas serem abordadas em ambientes universitários de todo o país, o tempo de curso destinado a esses estudos é consideravelmente inferior quando comparado ao destinado às literaturas do eixo Brasil-Portugal.

Mesmo os cursos que abordam esse conteúdo parecem fazê-lo de maneira breve, não permitindo que sejam estudadas a fundo as particularidades e as minúcias das diferentes literaturas produzidas em Língua Portuguesa. Enquanto as pesquisas acerca da Literatura Brasileira e Portuguesa são continuamente fomentadas, tendo em vista que já fazem parte de um conteúdo tido como substancial para a formação na área, são deixadas em segundo plano produções artísticas de outros países falantes da Língua.

Apesar de a inserção dessas pesquisas no ambiente acadêmico ser crescente, muito ainda deixa de ser explorado em sala de aula. Não parece haver uma abordagem contínua, tampouco direcionada especificamente às particularidades literárias desses países, como acontece com as produções portuguesas. As literaturas africanas são estudadas em disciplinas unificadas, quando se trata da produção de culturas diversas. Não parece haver espaço suficiente na matriz curricular brasileira de forma a abordar, de forma individual, as produções literárias timorenses, moçambicanas, angolanas, entre outras. Assim, faz-se interessante perguntar, por exemplo, a quantas universidades brasileiras chegou, para os alunos da graduação, uma personalidade como Noémia de Sousa, conhecida como mãe dos poetas moçambicanos, e tão influente escritora da Língua Portuguesa.

A autora é amplamente estudada na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), maior e mais antiga universidade moçambicana, em seu curso superior “Habilitação: Português e Literaturas Correspondentes”. Entre as disciplinas obrigatórias do curso da UEM, encontram-se: “Literatura Brasileira: Poesia”, ministrada durante o segundo ano; “Literatura Brasileira: Narrativa” e “Tópicos de Literatura Infantil e Juvenil”, ambas lecionadas durante o terceiro ano do curso; e “Tópicos de Literatura Brasileira”, disciplina do último ano.⁴ A carga horária destinada a temáticas brasileiras no curso de Moçambique é muito maior do que a disponibilizada nos cursos de nosso país a aspectos literários exclusivamente moçambicanos.

4 Cf. matriz curricular do curso “Habilitação: Português e Literaturas Correspondentes”, da Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em: <http://www.pen.uem.br/deg/apoio-aos-colegiados-aco/documentos/cursos-1/cursos/letras-matutino-noturno>.

Interessante observar, ainda, que todas as instituições de ensino brasileiras supracitadas têm em sua matriz curricular a Literatura Portuguesa como uma disciplina obrigatória, amplamente trabalhada durante vários semestres dos cursos pesquisados. É certa e inquestionável a relevância de Portugal para a difusão da língua pelo mundo e, logo, sua influência no universo literário. É imprescindível, de fato, o estudo desse componente. No entanto, faz-se necessário refletir até que ponto nossas universidades, mediadas pelos cenários culturais nos quais estão inseridas, encontram-se ainda muito amarradas ao colonialismo português, de forma a supervalorizar as produções do país colonizador e, por conseguinte, não deixar tanto espaço para o estudo profundo das literaturas dos demais países falantes da língua, que tanto contribuem para o desenvolvimento do binômio língua-cultura e da pluralidade deste.

AUTORA E OBRA

A autora escolhida para ser trabalhada neste artigo é uma dentre inúmeras sugestões de atuação em sala de aula do ensino superior de Letras. São inumeráveis os escritores e escritoras timorenses, angolanos, moçambicanos, entre outras nacionalidades falantes de Português que tendem a ser preteridas no estudo brasileiro da Língua Portuguesa e que poderiam acrescentar muito ao conteúdo programático do curso se mais aprofundadas.

Noémia de Sousa, nascida em Catembe, em 1926, no litoral sul de Moçambique, teve sua obra escolhida como *corpus* tendo em vista algumas considerações: sua força de atuação no contexto de Moçambique colonizado, pois, considerada escritora de combate da época, corajosamente abordava assuntos como racismo, misoginia e desigualdades vividas pelo povo africano; sua relevância para os escritores de Moçambique que a sucederam, tendo em vista que a autora é considerada “mãe dos poetas moçambicanos”; e a representatividade que proporcionava às mulheres negras africanas em um cenário muito opressivo.

Além disso, ao longo de toda a obra *Sangue negro* (2016), há marcante relação com o Brasil, não apenas pelas semelhanças sócio-históricas e culturais entre os dois países, como também pelos poemas que citam explicitamente o país, seus lugares e suas personalidades. Estudar esse conteúdo é, portanto, realizar um paralelo com a própria cultura. Faz-se importante refletir que,

apesar de ter escrito toda sua obra entre os anos de 1948 e 1951, a autora dialoga muito com questões da contemporaneidade, tornando-se relevante e atual para o estudo, a preservação e a difusão da Língua Portuguesa.

Apenas em 2001 os poemas da escritora foram consolidados no livro, publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e organizado por Fátima Mendonça, Francisco Noa e Nelson Saúte – que também assinam textos no posfácio da obra brasileira, publicada 15 anos depois, em 2016. Segundo o prefácio do livro, assinado por Carmen Lucia Tindó Secco, professora titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, Noémia de Sousa não tinha a intenção de publicar uma antologia poética:

[...] Noémia não queria seus poemas publicados em livro. Ela tinha consciência da dimensão de sua linguagem poética, capaz de disseminar a revolta por intermédio de poemas incendiários, passados, de mão em mão, de jornal em jornal (SECCO, 2016, p. 13).

Os versos da autora, que inauguraram a cena literária feminina de Moçambique, trazem aos leitores um conteúdo irreverente. Trata-se do brado de uma mulher diante de um cenário de injustiças. Sua obra aborda, corajosamente, temáticas de luta pela independência do povo moçambicano e sua valorização cultural, bem como pela equidade racial e de gênero.

A rima e o ritmo se fazem incidentes ao longo de toda a obra da autora: muitos dos poemas com musicalidade tamanha que parecem ter sido escritos justamente para serem lidos em voz alta, passados boca a boca. Além dessa escrita melódica, outras características são apontadas como particularidades da poesia de Noémia. Francisco Noa, professor doutor em Literaturas Africanas da Universidade Eduardo Mondlane, em posfácio da edição brasileira denominado “Noémia de Sousa: a metafísica do grito”, afirma que a obra da autora pode sugerir irreverência quanto ao tradicionalismo da escrita consolidada no Ocidente. Segundo o pesquisador,

[...] aí temos todo um conjunto de recursos linguísticos (juntamente com a língua portuguesa, intersectam-se irreverentemente registros da língua ronga e inglesa), estilísticos (a prevalência da adjetivação, da anáfora, da aliteração, da parataxe, da exclamação) e temáticos (a revolta, a valorização racial e cultural, a infância, a esperança, a angústia, a injustiça) [...]” (NOA, 2016, p. 169).

Segundo ele, essas características permitem que seja percebida, na obra da autora, uma consciência ora subjetiva, ora indignada, nostálgica ou confiante. A pluralidade dessas consciências e, logo, da obra, traz uma conotação universal aos poemas da autora, permitindo que sejam feitos paralelos com a realidade brasileira, ainda nos poemas que não citam diretamente o Brasil. Retomando essa relação de Noémia de Sousa com o país, faz-se necessário destacar que a autora colaborou, de maneira esparsa, na revista nacional *Sul*. Posteriormente, visitou as terras brasileiras, tendo poemas que retratam o cenário baiano, bem como versos que homenageiam Jorge Amado.

A edição nacional do livro, da mesma forma que a moçambicana, é dividida em seis seções: “Nossa Voz”, constituída por poemas mais longos e compassados, “caudalosos, feitos para serem declamados e dramatizados, de forma a traduzirem a indignação do sujeito lírico que, por meio de anáforas e gradações, não se cansa de gritar contra as injustiças sociais” (SECCO, 2016, p. 14); “Biografia”, que, de maneira simultaneamente individual e coletiva, narra a memória de Noémia como a dos povos africanos, preservando suas crenças e tradições; “Munhuana⁵ 1951”, por sua vez, narra o contexto marginalizado de Moçambique, dando ênfase às consequências de um regime colonial racista e misógino; “Livro de João”, quarta parte da obra, trata-se de uma referência ao revolucionário poeta João Mendes, amigo e companheiro de luta da autora pela libertação de Moçambique; “Sangue Negro”, seção que também intitula o livro, trata-se de uma recusa às imposições colonialistas, de forma a exaltar as reivindicações não apenas do povo moçambicano, mas de negros e negras ao redor do mundo, dando conotação ainda mais universal ao texto. A obra é encerrada com a seção “Dispersos”, composta de três poemas voltados à África milenar, à religiosidade e a crenças moçambicanas acerca de seus antepassados e ancestrais.

ANÁLISES SUGERIDAS

Partindo do princípio de que a análise da obra *Sangue negro* poderia ser estudada em sua completude pelos cursos de Letras brasileiros, de forma a

5 Bairro periférico da cidade de Maputo.

conhecer a fundo a obra da poetisa moçambicana, torna-se necessário, em um primeiro momento, contextualizar os discentes quanto ao tempo, espaço e condições sócio-históricas nas quais foram realizadas essas produções literárias. Em seguida, é imprescindível aproveitar, em sala de aula, a musicalidade marcante dos textos de Noémia. Paulo Freire, na obra *A África ensinando a gente*, desenvolvida a partir de um diálogo com Sérgio Guimarães acerca da experiência pedagógica de Freire em alguns países da África, afirma ao parceiro:

Mas aí é uma coisa engraçada, Sérgio. Como a África vai ensinando a gente! Como a realidade vai ensinando! Por exemplo, se eu estivesse escrevendo para o Brasil, sobretudo para educadores que estivessem trabalhando com massas populares em centros urbanos, como São Paulo, eu teria sugerido que, ao abrir o livro, na introdução, o animador propusesse aos participantes do círculo que fizessem uma leitura silenciosa do texto e que, em seguida, cada um faria a leitura em voz alta. Mas para a África, não. Inclusive a primeira tentativa foi essa. Imediatamente o lápis parou no caminho e refiz a trajetória. Na África, meu querido Sérgio, a gente está enfrentando uma cultura cuja memória – por *n* razões que não interessa agora conversar – é auditiva, é oral, e não escrita. Então, antes da leitura silenciosa, numa cultura de memória oral, tem que fazer a leitura em voz alta, e a tarefa deve ser a do educador! (FREIRE, 2011, p. 41).

O comentário de Freire é também relevante para o estudo de literaturas africanas em terras brasileiras, em especial no que tange à produção poética. A presente proposta de trabalho para esse conteúdo segue, inicialmente, a metodologia acima sugerida. Em aula expositiva dialogada, após devida contextualização, o(a) professor(a) poderá apresentar aos discentes a primeira parte da obra, intitulada “Nossa Voz”. Entre os seis poemas que compõem essa seção, foram selecionados dois para a leitura em voz alta e posterior análise, quais sejam: “Nossa Voz” e “Súplica”. Dessa forma, na(s) primeira(s) aula(s) da disciplina referente, o discente seria apresentado à primeira parte da obra de Noémia de Sousa.

Nossa voz

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos,
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas

nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguiguana
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena
e fez escorrer suores frios de condenados
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...

Nossa voz, irmão!
nossa voz atabaque chamando.

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança
nossa voz farol em mar de tempestade
nossa voz limando grades, grades seculares
nossa voz, irmão! nossa voz milhares,
nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,
nossa voz gorda de miséria
nossa voz arrastando grilhetas
nossa voz nostálgica de ímpis
nossa voz África
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!
Nossa voz que descobriu até ao fundo,
lá onde coaxam as rãs,
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,
da simples palavra ESCRAVIDÃO:

Nossa voz gritando sem cessar,
nossa voz apontando caminhos
nossa voz xipalapala
nossa voz atabaque chamando
nossa voz, irmão!
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!
(SOUSA, 2016, p. 26).

A partir do título do poema, que é repetido em anáforas ao longo da narrativa, já são sugeridas ao leitor duas particularidades da escrita de Noémia de

Sousa: a marca da tradição oral e o conceito de coletividade, ambas relevantes características na obra da autora. Ao longo dos versos, a musicalidade se confirma, reiterando a importância da leitura em voz alta realizada, em primeiro momento, pelo(a) professor(a) em sala de aula.

Observam-se, também, os verbos utilizados nas duas primeiras estrofes: a voz se *ergue*, *trespassa* a “atmosfera conformista da cidade” e a *revoluciona*, *arrasta-a* como “um ciclone de conhecimento”, *acorda* “remorsos de olhos amarelos de hiena”, fazendo “escorrer suores frios de condenados” e *acendendo* “luzes de esperança em almas sombrias de desesperados”. Tais estratégias discursivas, tanto dos verbos selecionados quanto das figuras de linguagem utilizadas (personificação, metonímia) dão, de imediato, a conotação de poesia de combate, remetendo o leitor aos ideais libertários e de militância presentes no texto.

A adjetivação, recurso estilístico da autora apontado por Noa, faz-se incisiva em *Nossa voz*. Logo no primeiro verso, a voz é adjetivada como “consciente e bárbara”. Ao longo do poema, permanecem os adjetivos e locuções adjetivas para a caracterização dessa voz: “molhada das cacimbadas do sertão”, “ardente como o sol das malangas”, “nossa voz atabaque chamando”. Essa caracterização da voz contorna o meio social e colonialista, transformando-a em ferramenta de defesa e também de ataque.

São utilizadas metáforas, em especial na quarta estrofe, que enfatizam a força e o caráter coletivo do sujeito poético, que se faz plural, faz-se milhões de vozes esperançosas:

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança
 nossa voz farol em mar de tempestade
 nossa voz limando grades, grades seculares
 nossa voz, irmão! nossa voz milhares,
 nossa voz milhões de vozes clamando!

A temática do texto em muito conversa com a estrutura dos versos. São levantados aspectos da injustiça colonizadora, da revolta do povo moçambicano e da urgência de libertação e equidade.

Também é interessante propor que os estudantes observem os aspectos linguísticos do poema, que contam com particularidades da língua ronga, originária da própria cidade de Maputo, bem como expressões específicas da cultura africana. Assim, os alunos podem ser induzidos a pesquisar, em sala, o

significado de palavras que desconhecem, como “malangas” (bairro da antiga cidade Lourenço Marques, atual Maputo, colocado no plural pela autora, intensificando ainda mais o senso de pluralidade, como se não houvesse apenas um Malanga); “Maguiguana” (um dos líderes de maior destaque do exército de Ngungunhana, o general combateu as tropas portuguesas durante o final do século XIX e foi morto no Combate de Macontene, em 1897, no sul de Moçambique); e “xipalapala” (definida como uma corneta feita de chifre de impala, normalmente utilizada em celebrações).

Esse texto foi selecionado para a primeira análise tendo em vista as várias referências à oralidade e à temática de combate, características marcantes da obra de Noémia de Sousa. Dessa forma, os alunos poderão se aprofundar nessas questões, analisando vocabulário, ritmo, pontuação e figuras de linguagem que trazem ao poema esses aspectos, que são também culturais. Também devem ser observadas as temáticas do poema que podem ser consideradas universais e que ainda se aplicam ao contexto contemporâneo, como o preconceito racial e a luta de classes.

A sugestão seguinte de análise é o poema intitulado “Súplica”, pertencente à mesma seção do anterior e que também compõe a primeira parte da obra, denominada “poética da voz” ou, ainda, “*poiesis* do grito” (SECCO, 2016, p. 14). Esse segundo poema pode ser mais trabalhado em sua interdiscursividade, e, logo, aprofundadas as semelhanças com a cultura brasileira. Importante lembrar que o poema foi recitado pelo poeta pernambucano Marcelino Freire na Feira Literária de Paraty (Flip) de 2015 e, posteriormente, naquele mesmo ano, interpretado pelo cantor Emicida no Sesc Pinheiros.⁶

A abordagem inicial do texto, em sala, pode ser trabalhada a partir da interpretação do cantor brasileiro. Os discentes, com o poema em mãos, acompanharão a marcante musicalidade desta produção literária:

Súplica

Tirem-nos tudo,
mas deixem-nos a música!

Tirem-nos a terra em que nascemos,
onde crescemos
e onde descobrimos pela primeira vez

⁶ O cantor de *Rap*, Emicida, interpreta o poema “Súplica”, de Noémia de Sousa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rouetXJt7zc>. Acesso em: 17 abr. 2019.

que o mundo é assim:
um tabuleiro de xadrez...

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a lua lírica do xingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota – humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,
tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
– mas não nos tirem a música!

Podem desterrar-nos,
levar-nos
para longes terras,
vender-nos como mercadoria,
acorrentar-nos
à terra, do sol à lua e da lua ao sol,
mas seremos sempre livres
se nos deixarem a música!
Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos.
e no nosso lamento escravo
estará a terra onde nascemos,
a luz do nosso sol,
a lua dos xingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão!

E tudo será novamente nosso,
ainda que cadeias nos pés
e azorrague no dorso...
E o nosso queixume
será uma libertação
derramada em nosso canto!
– Por isso pedimos,

de joelhos pedimos:
Tirem-nos tudo...
mas não nos tirem a vida,
não nos levem a música!
(SOUSA, 2016, p. 30).

No que tange à temática, o corpo discente será instigado a descrever o contexto histórico no qual o poema foi produzido, tendo em vista que se trata de um dos textos literários moçambicanos mais influentes e marcantes sobre o regime salazarista.

Após serem observados e contextualizados os aspectos de colonialismo, escravidão e fascismo presentes no texto, faz-se interessante observar o tom forte e resiliente do poema: apesar de terem sido tirados todos os direitos humanos do povo moçambicano, clamam para que não lhes seja tirada a própria identidade, expressa como a música – parte constituinte do patrimônio imaterial de qualquer cultura e essencial para a preservação da memória de um povo.

Também chama a atenção, para análise, a metáfora utilizada na segunda estrofe: “Tirem-nos a terra em que nascemos/ onde crescemos/ e onde descobrimos pela primeira vez/que o mundo é assim: um tabuleiro de xadrez...”. Tal fazer metafórico pode sugerir os peões, que, em um jogo de xadrez, são sacrificados para que sejam protegidas peças consideradas mais importantes. Dessa forma, o povo moçambicano colonizado e escravizado estaria representado como aquelas peças mais descartáveis. O tabuleiro também chama a atenção por sua característica cromática, que normalmente conta com a oposição entre escuro e claro, podendo sugerir a diferenciação entre o povo branco e o povo preto.

Ao longo da narrativa, aparecem elementos que, possivelmente, os leitores não reconhecerão de imediato, como: “a lua lírica do ximgombela”, descrita na terceira estrofe, referindo-se a uma tradicional dança do sul de Moçambique. A expressão faz referência à perda do lirismo do povo moçambicano, à impossibilidade de expressar suas danças típicas, tendo em vista que não lhes eram incentivadas comemorações ou manifestações culturais. O texto também discorre longamente sobre a perda de terras e formas de sustento. O termo “machamba”, por exemplo, faz referência a um terreno agrícola, de cultivo, destinado à produção familiar, do qual os moçambicanos também foram privados.

Ambos os termos, que poderiam passar despercebidos por alguns dos discentes, fazem-se essenciais para o desfecho do texto, visto que são retomados no desenvolvimento da penúltima estrofe:

Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos.
e no nosso lamento escravo
estará a terra onde nascemos,
a luz do nosso sol,
a lua dos xingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão!

A partir de então, é apresentada no texto a possibilidade de permanência e memória, mesmo que não seja por meio de uma liberdade efetiva daquele povo. Nessa estrofe, a música é apresentada como capaz de salvaguardar uma cultura que estava sendo intencionalmente dizimada. Segundo o poema, mesmo que o povo fosse escravizado, morto, que lhes fossem tomadas suas terras e moradias, a música os faria livres e seria capaz de imortalizar aquela cultura. O poema pode ser minuciosamente estudado em sala, com comentários dos alunos mediados pelo professor. A temática deve ser trabalhada a fundo, bem como o vocabulário e a musicalidade presentes no texto.

Depois de as análises iniciais serem desenvolvidas em sala de aula, com a obra devidamente contextualizada, será encerrado o bloco referente à primeira seção do livro, caracterizado pela forte presença de vozes plurais e pela militância em busca da equidade moçambicana. Sugere-se que as demais seções, também divididas de acordo com a temática, sejam exploradas pelos próprios discentes, por meio da produção, em grupo, de artigos e seminários acerca de um ou dois poemas da seção estipulada, a depender da organização de cada turma.

Assim, após as primeiras análises ministradas pelo(a) docente, podem ser formados cinco (ou mais) grupos de alunos, que estudarão as particularidades do bloco e farão a análise do(s) poema(s) selecionado(s). Caso haja mais de cinco grupos, a depender da quantidade de discentes por turma, mais de um poema da seção poderá ser escolhido, motivo pelo qual são sugeridos, abaixo, dois poemas para cada seção. Apesar de os textos serem um direcionamento para os discentes, estes podem procurar por outros escritos da seção pela qual estão responsáveis, para que seja feito o trabalho proposto.

A segunda seção, denominada “Bibliografia”, é a primeira disponibilizada para análise dos grupos, e conta com aspectos relacionados não apenas à trajetória pessoal do sujeito literário, como também à urgência pelo reconhecimento da memória ancestral do povo moçambicano. Os textos sugeridos para análise em grupo são “Deixa passar meu povo” (SOUSA, 2016, p. 48) e “Poema” (p. 54), ambos de extrema relevância para os estudos da obra. O primeiro deles, em que a autora se utiliza também da língua inglesa para expressar a mensagem, “Let my people go”, trata-se de uma poética que aborda não apenas a luta de libertação dos moçambicanos e “não só pelos negros de África, porém, também, pelos africanos dispersos nas Américas e no mundo” (SECCO, 2016, p. 15). Já o segundo, intitulado “Poema”, tem conotação simultaneamente individual e coletiva, aspectos que podem ser muito trabalhados na análise em grupo. Interessante observar, além disso, que se trata de um texto declamado a uma mãe, o que possibilita que os alunos explorem a oralidade do poema durante a realização do seminário.

Um segundo grupo de alunos poderá trabalhar a seção “Munhuana 1951”, que trata especialmente de espaços marginalizados, como o das mulheres prostituídas, objetificadas e humilhadas, retratadas no poema “Moças das docas” (SOUSA, 2016, p. 79). Ainda segundo Secco,

Os afetos na poética de Noémia vão da repulsa e do ódio ao amor e à esperança, da angústia e da solidão à indignação e à solidariedade, da vergonha e da humilhação à rebeldia e à coragem. A voz enunciativa prima por um derramamento de sentimentos que leva a mulher oprimida a buscar recuperar sua dignidade. Falando da margem, dos bairros periféricos de Lourenço Marques, antiga capital moçambicana no tempo colonial, o sujeito lírico feminino se rebela contra o abuso sofrido pelas moças das docas, encaradas como objetos sexuais pelos colonizadores, cuja posse empreendida não foi só da terra, porém, também, dos corpos dessas negras, tratadas, quase sempre, de forma exótica e subalterna (SECCO, 2016, p. 17).

Tanto esse poema como outro da mesma parte intitulado “Negra” (SOUSA, 2016, p. 65) podem ser estudados da perspectiva da subordinação a que a mulher negra foi e ainda é submetida também no Brasil, possibilitando um paralelismo de contextos, tendo em vista que há muitos pontos em comum, ainda nos dias atuais, entre as mulheres moçambicanas do colonialismo salazarista e as brasileiras negras mais pobres.

Outro poema que se aproxima do Brasil, este de maneira explícita e em uma concepção completamente oposta, é o intitulado “Samba”, que a autora dedica ao amigo Ricardo Rangel, fotógrafo moçambicano, no qual é retratada uma noite que os dois passaram juntos no país. O texto também pode abrir margem para estudos comparativos, bem como para representação teatral ou musical no seminário.

A quarta parte da obra, “Livro de João”, homenageia João Mendes, que também lutava pela libertação do povo moçambicano e da África no geral e era companheiro de militância de Noémia de Sousa. É sugerido para análise o primeiro poema da seção, “Poema” (SOUSA, 2016, p. 94), dedicado pela autora a “J.M.”, contando com grande conotação pessoal e, ainda assim, combativa e coletiva. Outra possibilidade para trabalho é o “Poema de João” (SOUSA, 2016, p. 105), que abre muita margem para dramatização, também interessante para aqueles discentes mais inclinados para representações cênicas.

O quinto capítulo, que também dá nome à obra, “Sangue Negro”, conta com dois poemas essenciais para a leitura de estudantes de Letras brasileiros, aqui sugeridos para análise: “Sangue Negro” (SOUSA, 2016, p. 129), em que o sujeito lírico se direciona à própria Mãe África, é um poema recheado de musicalidade e particularidades, essencial para a compreensão integral da obra da autora.

Outra sugestão para o capítulo é “Poema a Jorge Amado” (SOUSA, 2016, p. 125), que permite ampla pesquisa acerca das relações da autora com o Brasil. Segundo Secco, nos versos do poema

o sangue pulsante nas veias do povo baiano carrega igual seiva africana, traz a memória amarga de negreiros que transportaram muitos escravos de lá, vindos para o Brasil à revelia. Há, na poesia de Noémia, uma emoção e uma musicalidade tão profundas, que atravessam tempos e espaços. (SECCO, 2016, p. 12).

A última parte da obra, por sua vez, intitulada “Dispersos”, conta com três poemas: “Quero conhecer-te África” (SOUSA, 2016, p. 134); “19 de outubro” (SOUSA, 2016, p. 138); e “A Mulher que ria à vida e à morte” (SOUSA, 2016, p. 138). Todos os três possuem grande relevância para o encerramento da obra e merecem atenção para análise. O último, em especial, encerra o livro e resume bem a proposta da seção, que aborda amplamente as questões de ancestralidade e espiritualidade do povo moçambicano – o que possibilita, por exemplo, que seja feito um estudo dialógico com as religiões brasileiras de matriz africana.

Ao fim do curso, os alunos apresentariam suas pesquisas e a avaliação seria feita tendo por base a produção final do artigo e a apresentação do seminário. Sugere-se disponibilizar tempo de aula para debate, comentários e dúvidas após cada exposição. Dessa forma, mesmo os discentes não envolvidos diretamente com a produção do artigo e do seminário apresentado poderão apreender a proposta de cada uma das seções da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que as produções brasileiras e portuguesas devem ser amplamente estudadas durante o curso de Letras – Língua Portuguesa. A possibilidade que é levantada no artigo é a de haver igual espaço para as demais obras literárias lusófonas de países ainda pouco abordados com graduandos. Assim como as disciplinas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira acompanham os estudantes de Letras no decorrer de quase toda a graduação, a possibilidade de disponibilizar maior carga horária para disciplinas de Literaturas Lusófonas permitiria que fossem resgatados e difundidos esses patrimônios culturais, que são tão relevantes para a sobrevivência e o florescimento de nossa língua quanto os estudos literários atualmente mais estudados. Dessa forma, poderiam ser aprofundadas particularidades da literatura de cada país lusófono, tal como é feito com Portugal, de forma que a educação acerca da literatura em Língua Portuguesa seja ministrada de maneira mais horizontal. Assim, seria fomentado um conceito muito importante, defendido por Freire (2001), a “descolonização das mentes”.

O feito sugerido pelo autor não significaria a ausência de estudos de Literatura Portuguesa em sala de aula. Apenas ampliaria o olhar dos futuros professores e pesquisadores para outras possibilidades de criação literária para além das brasileiras e portuguesas, bem como permitiria que fossem conhecidas especificidades de cada uma dessas culturas e as semelhanças com a nossa. A inserção de maior carga horária para essas literaturas lusófonas possibilitaria que os conteúdos fossem ministrados de maneira mais ampla e particular.

A poesia de Noémia trouxe ao povo moçambicano força para combate, representatividade e esperança em tempos de opressão. Seus poemas abordam a temática do negro escravizado, do povo africano colonizado e da posição da mulher negra no regime salazarista dos anos 1940/1950. Ainda assim, faz-se

extremamente contemporânea, podendo ser aproveitada com precisão para o atual cenário brasileiro e as problemáticas enfrentadas por negros e mulheres em nosso país.

O estudo de sua obra permite, ainda, que o discente de Letras brasileiro enxergue com olhos mais atentos as produções literárias africanas, possibilitando, assim, que tal conteúdo seja posteriormente transmitido ao Ensino Básico, e que, então, esse também passe a abordar mais a fundo questões de raça, classe e gênero. Aproximar os futuros docentes de Língua Portuguesa das produções luso-africanas possibilita que crianças e jovens da Educação Básica tenham acesso a esse conteúdo, permitindo que as culturas lusófonas sejam apreendidas de maneira mais horizontal, o que se faz essencial para a realização efetiva do conceito freiriano de “descolonização das mentes”.

Luso-african female writers in Portuguese Letters courses

Abstract

This article discusses the presence and absence of the many Lusophone Literatures in Letters graduation courses, especially literary productions apart from the Brazil-Portugal axis. From this context, there is a great need for an in-depth study of these literatures. Thus, the present study deals with the book *Sangue Negro* – collection of poems by the Mozambican author Noémia de Sousa –, proposing its application with undergraduates. It aims to bring students closer to the Mozambique female poetic production, allowing them to explore its peculiarities.

Keywords

Lusophone Literatures. Mozambican poetry. Teacher training.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *A África ensinando a gente*: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NOA, F. “Noémia de Sousa: a metafísica do grito”. Posfácio. In: SOUSA, N. *Sangue negro*. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).

SECCO, C. L. T. “Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana”. Prefácio. *In: SOUSA, N. Sangue negro*. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).

SOUSA, N. *Sangue negro*. Ilustrações de Mariana Fujisawa. São Paulo: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).